

Culpa e Angústia: algumas notas sobre a obra de Freud*

Doris Rinaldi*

A noção de *culpa* tem grande importância na obra freudiana. Desde as cartas a Fliess, quando menciona o remorso que sentiu após a morte do irmão poucos meses depois de nascido (1897), dos estudos sobre a neurose obsessiva, com a análise do Homem dos Ratos (1909), ao “O mal-estar na cultura”(1930), aparece em Freud a idéia de uma *onipresença da culpa*, que se manifesta de múltiplas formas e que é fundamentalmente *inexpiável*. Neste último texto, Freud destaca o *sentimento de culpa* como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização, traçando uma verdadeira genealogia da culpa, ao demonstrar as diversas etapas de sua constituição, da angústia social ao sentimento inconsciente de culpa. Nele propõe uma articulação entre culpa e angústia, afirmando que “*o sentimento de culpa nada mais é do que uma variedade topográfica da angústia*”(1930)1976:159). É esta relação que procuramos explorar neste trabalho, no sentido de compreender, em termos da estrutura do desejo, o que está em jogo na culpa.

Se inicialmente o que chamou a atenção de Freud para a questão da culpa foram os sintomas neuróticos, é a desproporção que observa entre a culpa e as ações cometidas, como nos casos de “criminosos em conseqüência do sentimento de culpa”, que faz com que vá buscar fora dos limites estritos de seu campo as origens dessa culpa que supõe universal, nas origens da humanidade, na origem da cultura. Em “Reflexões para os tempos de guerra e morte”(1915), ele se refere ao “obscuro sentimento de culpa a que a humanidade tem estado sujeita desde os tempos pré-históricos e que em algumas religiões foi condensado na doutrina da culpa primal, ou pecado original”

* A primeira versão deste trabalho, foi apresentado no 2º Congresso Internacional do Colégio de Psicanálise da Bahia, Salvador, 4,5,6 e 7 de nov. de 1999. A atual versão sofreu pequenas modificações, tendo se beneficiado da discussão com colegas.

* Psicanalista, doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ, professora adjunta da UERJ integrada ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise do Instituto de Psicologia, membro da Intersecção Psicanalítica do Brasil, autora do livro “A ética da diferença: um debate entre psicanálise e antropologia”, Rio de Janeiro, Eduerj /Jorge Zahar Ed., 1996.

((1915)1976:331), onde reconhece algo de extremamente importante, que não pode ser desprezado.

Em “Totem e tabu” (1913) aborda esta questão através de um mito, em que o advento da cultura é fruto de uma violência primordial. O nosso pecado original é um crime, o parricídio - “ato memorável que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião”((1913)1976:168) – onde a culpa encontra sua origem no retorno do amor sob a forma do remorso. O amor está, assim, na origem da consciência moral, acompanhado da fatal inevitabilidade do sentimento de culpa. Para Freud, isto se deve à ambivalência emocional em relação ao pai, onde coexistem duas correntes: a corrente agressiva que se manifesta através do parricídio, e a corrente afetiva, que surge com o remorso. Amor e ódio estão assim conjugados na fundação do laço social, ou como indicará mais tarde, a sociedade é perpassada pelo conflito pulsional onde se defrontam pulsões de vida e pulsões de morte.

No campo da clínica comum, ao identificar a força do sentimento de culpa nas contradições e inibições da neurose obsessiva, na autodepreciação melancólica, na resistência terapêutica negativa, no recurso à conduta criminosa pela necessidade de punição, ele reafirma que tudo tem sua origem na relação ambivalente com o pai. No Complexo de Édipo, assim, estão condensados os dois grandes crimes humanos – o parricídio e o incesto - fonte deste “obscuro sentimento de culpa” da humanidade, onde a ontogênese repete a filogênese. Há, assim, para Freud, uma herança da culpa.

Ao nos debruçarmos sobre estes e outros textos freudianos que abordam o tema, chama a atenção o fato de diversas vezes Freud qualificar o sentimento de culpa como “obscuro”, adjetivo que acompanha o seu caráter primário, e que posteriormente vai ser definido como “inconsciente”. Se o sentimento de culpa encontra sua forma mais elevada a partir da delimitação da noção de supereu, como instância crítica, na tensão entre eu e supereu, Freud deixa claro que ele é anterior ao supereu, anterior à consciência moral. Parece haver aí algo de primitivo e inconquistável, enigmático, que surpreende Freud na clínica, e o leva a buscar na forma mítica, seja em “Totem e tabu”, seja no “Édipo”, um modo de explicá-lo. O mito vem justamente em lugar daquilo que não pode ser dito.

Uma via frutífera para pensar esse caráter enigmático do sentimento de culpa são as aproximações que faz entre culpa e angústia. Em alguns momentos Freud chega a

identificar os dois termos, quando se refere ao sentimento de culpa como “angústia diante do supereu”. Na genealogia da culpa que traça em “O mal-estar na cultura”, define uma primitiva forma de culpa, caracterizada pelo medo de perder o amor dos pais, como angústia social (op.cit.:147-148). Após o Édipo, quando a autoridade é internalizada pela formação do supereu, ela se transforma em consciência ou sentimento de culpa, que surge como uma “permanente infelicidade interna” (op.cit.:151). Ambos são resultado de uma renúncia pulsional, a mais primitiva em consequência do medo da agressão externa e posteriormente em virtude do medo da autoridade interna representada pelo supereu. Essa renúncia diz respeito à pulsão agressiva, forma pela qual neste texto Freud aborda a pulsão de morte. É a agressão face ao objeto externo que é assumida pelo supereu na sua relação com o eu, onde Freud acentua o fato de que a obediência ao supereu não elimina esta “permanente infelicidade interna”. Pelo contrário, são as pessoas mais virtuosas que se censuram da maior pecaminosidade. Há, portanto, um paradoxo, na medida em que a renúncia às pulsões agressivas não alivia o sentimento de culpa, mas ao contrário, o acentua.

Para o nosso propósito, contudo, não se trata apenas de ver na angústia social uma forma primária de culpa, que depois se transforma em sentimento de culpa, mas de analisar em que medida algo da própria natureza da angústia está presente no sentimento de culpa, mesmo em sua forma mais elaborada, denunciada por esta “infelicidade interna”. Na verdade, desde “Totem e tabu” Freud já apontava a relação entre culpa e angústia, ao dizer que a *sensação de culpa* tem em si muito da natureza da angústia e esta última aponta para *fatores inconscientes*. “O caráter de angústia que é inerente a sensação de culpa corresponde ao fator desconhecido”(op.cit.:91). No texto de 1930 observa que “o remorso contém, de forma um pouco alterada, o *material sensorial da angústia que opera por trás do sentimento de culpa*” (op.cit.:159). Assim, por um lado, a angústia corresponde ao *fator desconhecido* e, por outro, sua matéria opera *por trás* do sentimento de culpa. É neste momento ainda que Freud afirma que o *sentimento de culpa é uma variedade topográfica da angústia*, afirmação que cremos ser importante para analisar a culpa e sua implicação no campo do desejo.

Ao examinarmos rapidamente o conceito de angústia, vemos que Freud trabalha com duas concepções de angústia: a primeira delas diz respeito à angústia como decorrente da transformação direta da libido, como falta de representação,

excesso quantitativo (teoria econômica), e a segunda, apresentada no texto “Inibições, sintomas e angústia”(1926), em que a angústia surge ligada a uma representação como sinal de perigo (teoria histórica)¹. Sem negar a primeira concepção, Freud a reelabora no âmbito da segunda tópica, onde privilegia o eu como lugar da angústia, passando a concebê-la como a marca histórica do traumatismo, o que vai levá-lo a vinculá-la, secundariamente, à perda de objeto. Mantém, entretanto, a nomeação de duas modalidades de angústia: angústia automática e angústia sinal, em que a passagem da primeira para a segunda faz o caminho da pura alteração econômica para a situação já simbolizada de perda objetal.

Em que isto nos interessa para a compreensão do sentimento de culpa? De início é importante considerar que para Freud a origem do sentimento de culpa está no desamparo primordial (*Hilflosigkeit*), onde localiza a angústia primária relacionada ao trauma originário, como puro excesso econômico, tomando como protótipo o trauma do nascimento, primeiro momento avassalador e excessivo, de radical desamparo. Para ele, o “*desamparo primordial é a fonte de todos os motivos morais*” ((1895)1976:422), uma vez que a descarga pulsional está na dependência do outro, o que se desenvolverá na direção do medo da perda do amor. Nesse sentido pode-se reconhecer no excesso econômico aquilo que aponta como sendo o *fator desconhecido*, algo da natureza da angústia que *opera por trás* do sentimento de culpa, que busca encontrar uma via de descarga, o que nos leva a aproximar angústia e sentimento de culpa em termos econômicos.

É nessa direção também que podemos conceber a agressividade a que Freud se refere em “O mal-estar”, como algo além do princípio do prazer, que insiste em perturbar todas as tentativas dos homens de viverem juntos e que, ao ser recalcada, retorna sobre o sujeito sob a forma de sentimento de culpa. Se a cultura é obra de *Eros*, ela só alcança seu objetivo através de um crescente fortalecimento do sentimento de culpa, diz ele. Há um preço a pagar pela sua construção: paga-se com a perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa.

Em uma passagem deste trabalho, contudo, Freud reconhece que esta “permanente infelicidade interna” não resulta apenas da pressão da cultura sobre o

¹ É importante lembrar que da primeira à segunda teoria da angústia Freud alterou a relação entre angústia e recalque: Se antes concebia a angústia como conseqüência do recalque, em 1926 ele inverte esta relação, considerando-a anterior ao recalque.

homem, como algo externo que impõe uma renúncia pulsional, mas está ligada a algo de inconquistável na nossa própria constituição psíquica, algo da natureza da própria pulsão sexual que nega satisfação completa e incita a outros caminhos. O programa do princípio do prazer de nos fazer felizes fracassa necessariamente². É esta insatisfação, o mal-estar próprio do desejo, que identifica ao sentimento de culpa produzido pela cultura, que permanece em grande parte inconsciente. O sentimento de culpa denuncia, portanto, o mal-estar do sujeito humano, enquanto sujeito do desejo subsumido à ordem da cultura., entendida como ordem simbólica que funda a nossa “humanidade”. Por isso ele é feito da mesma matéria da angústia. É a oposição interno/externo, sujeito/cultura que se esfacela aqui.

Desde o “Projeto” de 1895, ao formular a noção de “complexo do próximo” para pensar a satisfação pulsional, na medida em que ela implica necessariamente o próximo, Freud já indica esta torção fundamental, onde interno e externo se encontram, uma vez que a fundação da subjetividade pressupõe a alteridade. Nos termos de Freud, é o desamparo primordial do homem que impõe os caminhos do desejo nesta relação ao outro – próximo/semelhante – onde surge algo de enigmático, estranho e mesmo hostil, não assimilável no âmbito do princípio do prazer, que está mais além do princípio do prazer, mas que paradoxalmente comanda o desejo do sujeito.

Se é no próximo que o homem busca sua via de satisfação, é aí mesmo que não encontra o que busca, apenas reencontra seus rastros, o que o faz retornar. É esta alteridade mais radical que a presença do próximo *re-vela* – das Ding, ou a Coisa freudiana – que podemos associar ao enigma do desejo do Outro, que nos causa e nos faz buscar no outro semelhante, pela via do narcisismo, o caminho da nossa satisfação. Mas é mesmo aí onde reencontramos o próximo no que ele traz de enigmático. Disso resulta a ambivalência que marca a relação do homem a seu próximo, onde se articulam a identidade e a separação, o amor e a morte... O laço social e a regulação moral articulam-se, nesse sentido, à constituição subjetiva, alimentados por este enigma que

² Neste momento Freud está utilizando a noção de felicidade no sentido restrito, vinculando-a à satisfação pulsional. Diz ele: “O que chamamos felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo , por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica”(Freud,op.cit.:95)

diz respeito à falta de objeto. Na busca do objeto do desejo, o sujeito reencontra esse outro que ‘pode servir’, mas que o remete sempre a esse Outro enigmático (das Ding)³.

Podemos articular o excesso pulsional que Freud identifica na angústia primitiva ligada ao desamparo, derivada do trauma originário, a este enigma – a Coisa freudiana, causa de desejo, presente também na angústia de morte entre eu e supereu, onde surge o sentimento de culpa na sua forma mais elevada. Pode-se dizer que a angústia de morte não é outra coisa senão angústia de castração, este *fator desconhecido* que jaz por trás do sentimento de culpa. Como diz Kaufmann, “é como se a instalação de instâncias intrapsíquicas não fizesse senão retomar, num nível mais elevado, a situação do nascimento e a marca da hereditariedade filogenética que ela implica”(1996:42).

É nessa direção que podemos compreender a afirmação de Freud de que o sentimento de culpa é uma variedade topográfica da angústia. É da mesma *coisa* que se trata, situada, porém, em camadas diferentes do aparelho psíquico formadas a partir do processo de recalçamento. Dito de outra forma, em lugares diferentes do aparelho psíquico, pois enquanto a angústia, ainda que se manifeste no eu, diz respeito ao sujeito, o sentimento de culpa se localiza no eu. Se é possível falar em herança filogenética da culpa, como quer Freud, é no sentido de que o homem está marcado desde o seu nascimento por esta falta que o introduz na ordem simbólica, falta esta vivida como perda e dívida, tanto no sentimento de culpa quanto na angústia, mas que fundamentalmente diz respeito ao desejo.

Neste ponto acreditamos valiosa a contribuição de Lacan, quando ele afirma que há uma relação essencial entre a angústia e o desejo do Outro. No seminário sobre a Angústia (1962-63) questiona a noção de angústia primitiva ligada ao desamparo primordial, indicando que se trata, ao contrário, mais de amparo do que de desamparo, onde se faz enigmático algo que diz respeito ao desejo do Outro. Pode-se dizer, como o faz Rabinovich(1993), que o desejo do Outro é o nome que Lacan dá ao excesso econômico⁴, onde o *Unheimlich* representa bem o fenômeno da angústia. A relação do sujeito ao Outro é traumática, na medida em que é marcada por este enigma, frente ao

³ A idéia de “Outro enigmático” associada a das Ding, provém das formulações que Lacan apresenta no Seminário VII, sobre a “Ética da Psicanálise”, onde diz: “Falei-lhes hoje do Outro como *Ding*” (Lacan, op.cit:73). Para o desenvolvimento desta idéia ver Rinaldi,1996.

⁴ Ao referir-se à angústia primordial que, para Freud, rompe todas as defesas, diz Rabinovich (op.cit.: 103): “Qual é então, para Lacan, a invasão de estímulos que descreve Freud, essa invasão que supera a barreira protetora? O desejo do Outro, é o nome que em Lacan recebe o excesso econômico”.

qual surge a angústia, mas também o desejo. O desejo do Outro não me reconhece, nem me desconhece, mas me coloca em causa, justamente neste ponto de enigma que está na raiz do meu desejo. Por isso, para Lacan, a angústia *não é sem objeto*, uma vez que coloca em jogo o *real* recortado pelo significante, sob a forma do *objeto a*, única coisa comum entre o sujeito e o Outro. Nesse sentido ela não é de modo algum interna ao sujeito, mas é sinal da operação de advento do sujeito no lugar do Outro (simbólico), em que algo se perde, tornando evidente a divisão constitutiva do sujeito que o funda como desejante. É o que indica Freud em “Totem e tabu” ao mostrar que a ordem da cultura se funda a partir de uma perda.

A matéria própria da angústia, assim, é o *real*, onde podemos reconhecer aquilo que está em jogo no trauma freudiano e na angústia de castração e de morte. É diante dele que surge a angústia, como modo mais radical de manutenção da relação com o desejo. Portanto, o *real* é a matéria que opera *por trás do sentimento de culpa*, o *fator desconhecido* que lhe dá um caráter obscuro e enigmático, o que o situa no campo do desejo como manifestação do mal-estar que lhe é constitutivo.

A moral, como diz Lacan, traz o peso do *real* na sua ex-sistência, na tentativa de recobri-lo, simbólica e imaginariamente ou de domesticá-lo. Se o supereu assume esta função, por outro lado ele incita ao gozo e é justamente esse excesso econômico, contabilizado do *real* como gozo, que reverte sobre o sujeito sob a forma de sentimento de culpa. Se este é fruto do amor, como tentativa de suprimir a falta pelo medo da perda, por vias transversas ele mantém viva esta relação radical com o desejo, presente na angústia, como se observa na reação terapêutica negativa, onde se revela a relação de fundamental inadequação que marca o sujeito humano face a seu desejo.

Tanto Freud como Lacan enfatizaram que a sustentação do desejo não é sem preço. Há um preço a pagar e este diz respeito ao gozo. É isto que Freud indica em “Totem e tabu” quando mostra que a morte do pai não libera o gozo, mas ao contrário reforça sua interdição. Esta interdição, enquanto lei fundadora, constitui o sujeito como desejante, determinando o gozo como parcial. Todo exercício de gozo engendra, assim, uma dívida simbólica, na medida em que se baseia em uma transgressão que se efetiva sob as formas da Lei do desejo. Se na angústia o sujeito se precipita, uma vez que aborda, *cedo demais*, a hiância do desejo ao gozo, no sentimento de culpa isto retorna, *tarde demais*, sob a forma de necessidade de punição.

Levando às últimas conseqüências a aproximação que Freud faz entre culpa e angústia, podemos dizer que, se o remédio contra a angústia é o desejo, também para o sentimento de culpa é disso que se trata. É por isso que concordamos com Lacan quando ele diz que, em última instância, a única coisa de que podemos *realmente* nos sentir culpados é de ter aberto mão de nosso desejo.

Referências Bibliográficas:

FREUD, Sigmund - *Obras Psicológicas Completas*, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.

(1895) “Projeto para uma psicologia científica”

(1913) “Totem e tabu”

(1915) “Reflexões para os tempos de guerra e morte”

(1926) “Inibições, sintomas e angústia”

(1930) “O mal-estar na cultura”

LACAN, Jacques – *Seminário 7: A ética da psicanálise*, Rio de Janeiro (1959-60), Jorge Zahar Ed., 1988.

_____ - *Seminário 10: A angústia (1962-63)*, edição pirata.

KAUFMANN, Pierre – *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud a Lacan*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.

RABINOVICH, Diana – *La angustia y el deseo del outro*, Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1993.

RINALDI, Doris - *A ética da diferença: um debate entre psicanálise e antropologia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed./Eduerj, 1996.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.